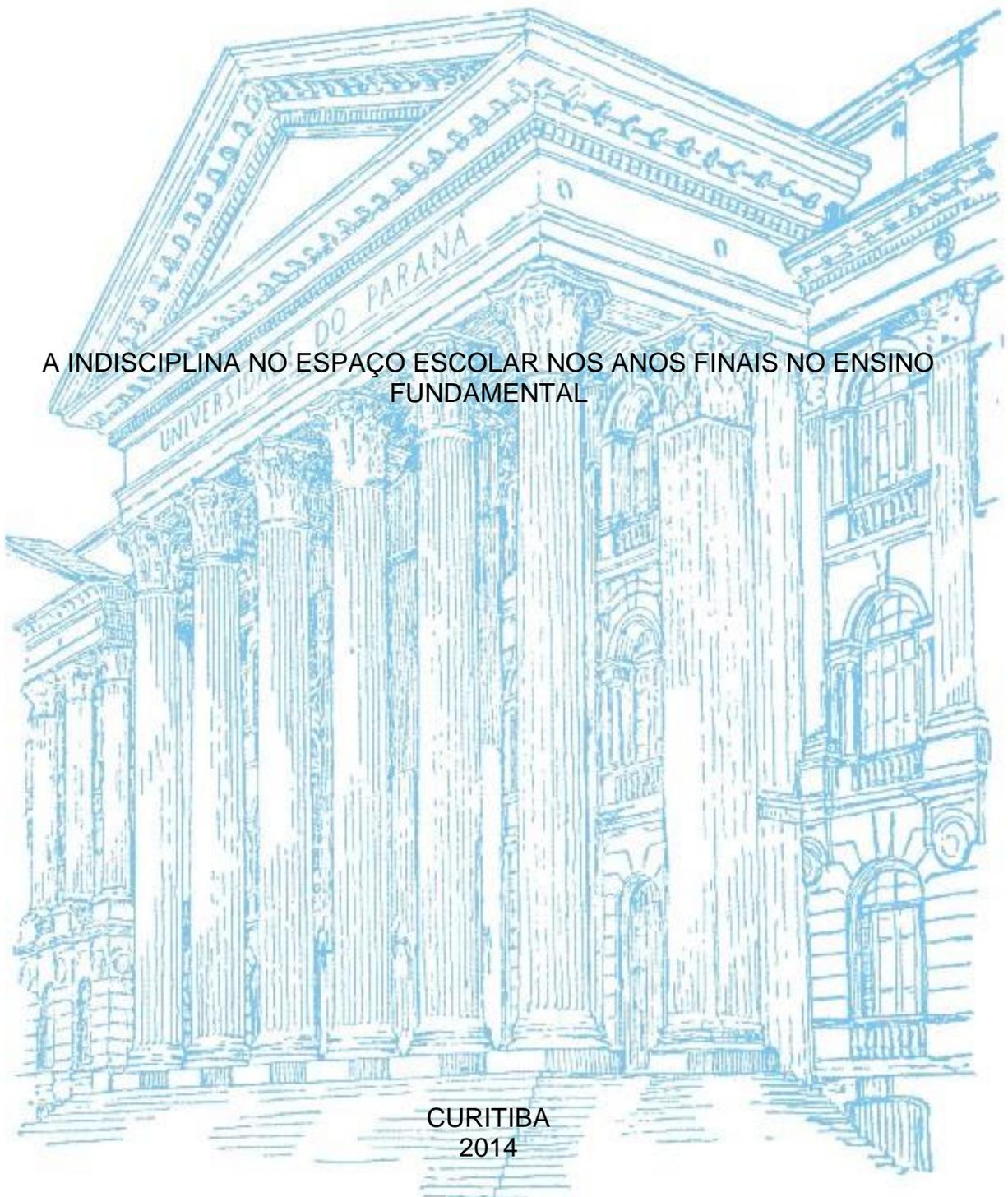


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

THAIS APARECIDA NEMER

A INDISCIPLINA NO ESPAÇO ESCOLAR NOS ANOS FINAIS NO ENSINO
FUNDAMENTAL



CURITIBA
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

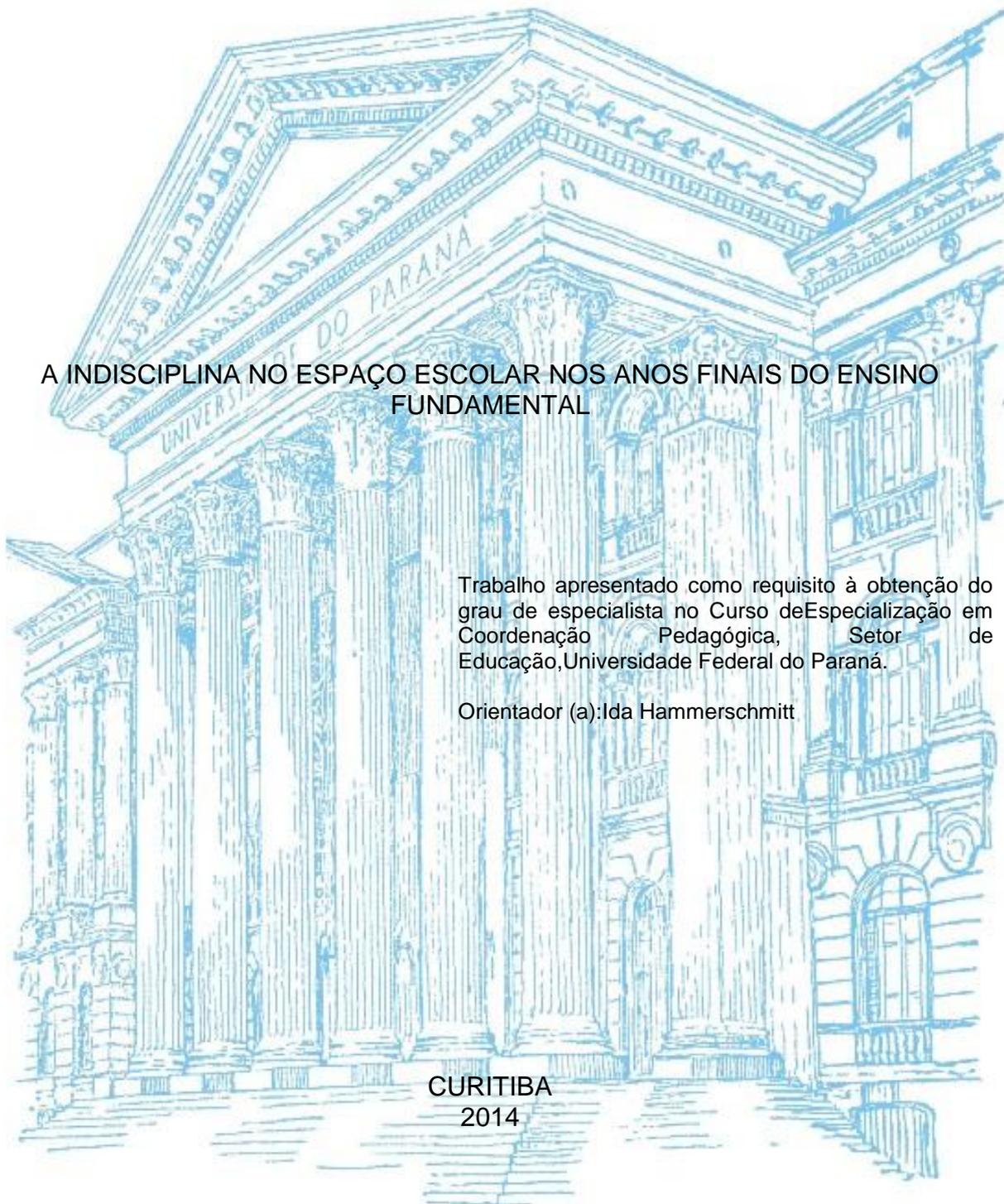
THAIS APARECIDA NEMER

A INDISCIPLINA NO ESPAÇO ESCOLAR NOS ANOS FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientador (a): Ida Hammerschmitt

CURITIBA
2014



A INDISCIPLINA NO ESPAÇO ESCOLAR NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

THAIS APARECIDA NEMER*¹

RESUMO

Já há algumas décadas o problema da indisciplina por parte do alunado tem aumentado significativamente nas escolas, tanto nas públicas quanto nas particulares, desenvolvendo com isso, uma série de impasses sendo que o maior deles é o chamado obstáculo pedagógico, ou seja, há uma dificuldade visível na sala de aula, na relação professor-aluno. Com isso, o processo ensino-aprendizagem vem demonstrando fragilidade, com resultados desfavoráveis e mais ainda, alguns professores cansados e desanimados diante a falta de respeito, falta de disciplina, insolência, bullying. Os educadores, sem saber ao certo como lidar com a situação e na maioria das vezes, culpando apenas o aluno pela indisciplina. As queixas dos professores são muitas, dentre elas a falta do acompanhamento familiar e apoio educativo para refrear esse tipo de situação. No entanto, alguns pesquisadores, afirmam que a indisciplina também está atrelada, dentre outras coisas, à falta de planejamento pedagógico da escola, uma vez que se faz necessária a intervenção do Coordenador Pedagógico, juntamente com os professores, família, alunos e alguns segmentos sociais envolvidos com a escola. Com a participação de todos pode-se desenvolver uma série de ações voltadas à reflexão e ampliação do diálogo para sanar ou melhorar a qualidade do ensino na escola. A partir destas premissas, esta pesquisa de cunho bibliográfico, intenciona conhecer os conceitos e teorias relacionadas à indisciplina e também as sugestões apresentadas pelos estudiosos do assunto, no que diz respeito a um novo olhar para os alunos indisciplinados, problema este que tanto aflige o ambiente escolar.

Palavras-chave: Escola, Aluno, Indisciplina, Diálogo.

*Artigo produzido pela aluna Thais Aparecida Nemer do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora Ida Hammerschmitt. E-mail: thaisanemer@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Ao observar-se que as escolas, atualmente, enfrentam o problema da indisciplina, como um obstáculo pedagógico que tem dificultado o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Optou-se por pesquisar este tema com o objetivo de conhecer e compreender a sua complexidade, bem como, debuscar alternativas para a Coordenação Pedagógica, em parceria com os demais sujeitos da unidade de ensino, para dirimir tal problema e melhorar a qualidade do trabalho educativo escolar.

Além disso, os subsídios teórico-conceituais, ora pesquisados, no que tange ao tema indisciplina, auxiliarão significativamente para a melhoria do trabalho desenvolvido pela Coordenação Pedagógica dos anos finais do Ensino Fundamental, onde atualmente, estamos atuando, uma vez que esclarece uma série de situações que poderão servir para reflexão, análise e, possivelmente, novas práticas.

A indisciplina nas escolas é, pois, o objeto de estudo desta pesquisa, tendo como objetivo aprofundar reflexões sobre esta situação caótica existente nos ambientes das unidades de ensino. É tema que se constitui desafio para a atuação do coordenador pedagógico e dos demais educadores envolvidos. Considera-se ser de suma importância desenvolver nos espaços da escola, em especial, nas salas de aula, ações voltadas para a discussão referente à indisciplina que tem se avolumado cada dia mais, dificultando o processo de ensinar e aprender na relação professor-aluno e, conseqüentemente, na implantação de ações de enfrentamento com vistas a democratização destes espaços.

O tema indisciplina tem sido abordado em diversas reuniões, incluindo a de pais e professores, como um verdadeiro vilão nas práticas educativas e no cotidiano escolar. Diante desta questão, compreender a função clássica da escola, como instituição educativa responsável pela formação cidadã dos indivíduos, via conhecimento científico, sem menosprezar o conhecimento empírico, é de fato importante nos dias atuais, no sentido de, compreender os seus embates e enfrentamentos para democraticamente encontrar as possíveis soluções.

Entende-se que é fundamental serem pensadas ações preventivas para que se tenha um olhar diferenciado sobre a questão da indisciplina, ou o que tem gerado

situações de desordem, desrespeito, falta de limites por parte dos educandos, despráticas de agressividade, *bullying*, entre outras coisas.

De acordo com as leituras realizadas, para alguns estudiosos do assunto da indisciplina, chamar a comunidade, em pares para reflexões através de palestras e debates, possibilita conhecer com mais proximidade o tema – suas causas e consequências – e, conseqüentemente, formas de extinguir esse problema. Isso remete a pensar que é preciso iniciar ouvindo os alunos com mais atenção. Ouvir também os professores, pais e funcionários da escola, construindo com estes uma proposta sistematizada no sentido de desenvolver projetos que auxiliem a promover o surgimento de ações para melhorar as relações humanísticas.

Nessa perspectiva, não há como deixar à margem deste processo a família, como agente primeira da ação educativa em prol da formação humana, à qual pode e deve realizar um trabalho de parceria com a escola, no tocante à formação humano-social do educando.

Esta pesquisa objetiva também trazer contribuições para melhor qualificar a prática pedagógica escolar, com o intuito de auxiliar nos processos educativos com interesse maior na formação humana dos aprendizes.

Ao justificar-se a importância do estudo do tema, reforça-se que, a indisciplina tem se tornado ao longo dos anos, uma situação insustentável nas escolas, uma vez que além de dificultar o processo de ensino e aprendizagem, tem trazido prejuízos irreparáveis à vida de alguns alunos que ficam à margem do processo e não avançam na sua escolarização. Dificulta também a prática educativa dos profissionais de ensino, contribuindo para que muitos deles adoeçam e acabem, algumas vezes, impedidos de exercer a profissão.

A indisciplina compreendida como desordem à organização estabelecida tem gerado uma série de conflitos na escola, e, portanto precisa-se aprofundar a discussão e reflexão entre os sujeitos da escola a fim de melhorar a qualidade da relação ensino-aprendizagem e seus resultados. Não os resultados em número, mas resultados qualitativos traduzidos na melhoria do nível de conhecimento, de amadurecimento do professor, do aluno e também da instituição escolar.

O método de pesquisa utilizada para a realização destes estudos é de natureza qualitativa, buscando-se nas referências bibliográficas, vídeos relacionados ao tema “indisciplina escolar”, entrevistas com autores que apresentam propriedade no conhecimento empírico desenvolvido no trabalho com o ensino fundamental do 6º

ao 9º ano, a compreensão e as possibilidades de estratégias pedagógicas para interferência com vistas a contribuir na tomada de decisões que possam superar a situação da indisciplina, que tem se agravado nas escolas, dificultando o desenvolvimento do processo educativo.

Buscou-se no exercício das atividades pedagógicas do coordenador escolar, portanto num contexto pedagógico reflexões pertinentes e reais. Neste sentido, o estudo teve como enfoque uma abordagem descritiva, visando demonstrar tudo o que estava envolvido dentro desta análise como processo, teoria e a própria segmentação do contexto escolar.

O texto apresentado está subdividido em dois capítulos, sendo que o primeiro relata a indisciplina na escola na perspectiva da abordagem teórico-conceitual referendando as proposições de autores como La Taille (1996), Vinha (2013), Vasconcelos (2001) e Estrela(1992), a fim de auxiliar na compreensão científica de tipos de comportamento indisciplinado, apontando suas possíveis causas e busca de soluções. O segundo capítulo diz respeito à intervenção pedagógica, em que se considera a responsabilidade não somente do professor e do coordenador pedagógico e direção resolver os problemas gerados pela indisciplina nos espaços da escola, mas também dos demais sujeitos que nela trabalham e de toda a comunidade escolar, incluindo principalmente a família, como importante agência educativa.

Além destas questões, destaca-se no texto a análise dos resultados desta pesquisa e também algumas considerações a que se chegou após as leituras e estudos feitos com base no referencial teórico, livros e vídeos relacionados ao tema e também reflexões presentes no exercício da função de coordenadora pedagógica de uma das escolas públicas do Paraná.

2. A INDISCIPLINA NA ESCOLA

2.1. Uma abordagem teórico-conceitual

Nos dias atuais, a educação brasileira passa por um processo de transição, onde a implementação de políticas educacionais apontam para novas visões teóricas e práticas pedagógicas que buscam, não somente o antigo ensino

conteudista, mas especialmente um trabalho educativo que considera a importância do desenvolvimento humano-social do indivíduo, em que a cidadania torna-se um dos alvos da escola pública.

Nesta perspectiva, a escola exige novos olhares novos, discursos coerentes e mais do que isso, novos papéis a serem exercidos pelos educadores, e, obviamente, expectativas renovadas quanto ao desempenho dos alunos. No entanto, frente a esse horizonte de mudanças desejadas surgem os desafios contemporâneos presentes na sociedade atual, a ser enfrentados pelos educadores, tanto nas escolas da rede pública de ensino quanto da privada, sendo um deles aqui enfocado por ser de máxima urgência: a indisciplina na sala de aula.

Estrela (1992) explica que o termo indisciplina é de origem latina, tendo como raiz a palavra discípulo. O termo, porém, vem assumindo diferentes significações no decorrer do tempo: “punição, dor, instrumento de punição, direção mora; regra de conduta para fazer reinar a ordem numa coletividade; obediência a essa regra” (ESTRELA, 1992, p. 17).

A autora explica que há uma tendência de interpenetração dessas conotações e quando se fala de indisciplina, hoje, evocam-se as regras e a ordem que delas decorrem, como por exemplo, sanções ligadas aos desvios e o conseqüente sofrimento destes desvios. Para muitas pessoas o conceito de indisciplina adquiriu, segundo Estrela (1992), um sentido pejorativo.

Segundo o dicionário “Aurélio” (FERREIRA, 1986, p. 595) indisciplina pode ser definida como “procedimento, ato ou dito contrário à disciplina; desobediência; desordem; rebelião” o que leva à compreensão de que todo membro de um determinado grupo que apresenta um comportamento discordante da ordem estabelecida passa a ser considerado um sujeito indisciplinado.

A indisciplina escolar mesmo sendo um tema bastante conhecido e frequente nas discussões entre educadores, professores e pesquisadores, ainda carece de esclarecimentos maiores, posto que sua relevância teórica não é tão nítida assim, conforme o posicionamento de Aquino (1996). Isso se revela no número bastante reduzido de obras que abordam o tema. Para Aquino (1996) os relatos feitos por professores denunciam a indisciplina, traduzida em termos como: bagunça, tumulto, falta de limite, maus comportamentos, desrespeito às figuras de autoridade, entre outras atitudes por parte dos alunos, na sala de aula e na escola em geral.

Para Aquino (1996, p.40) “a indisciplina seria, talvez, o inimigo número um do educador atual (...)”. O autor conceitua ainda a indisciplina como um obstáculo pedagógico e relativiza a questão referente às mudanças no mundo e nos alunos, conseqüentemente. Sobre isso questiona se a escola mudou e se os professores mudaram também. O autor considera a indisciplina como, “um sintoma de outra ordem que não a estritamente escolar, mas surte no interior da relação educativa” (AQUINO, 1996, p. 41). Isso significa dizer que a indisciplina para este autor é compreendida como algo que desvia o trabalho escolar de seu planejamento elaborado.

La Taille (1996) explica que o tema é delicado por três motivos: o primeiro deles diz respeito a tratar o assunto como sinônimo de moralismo, ou seja, a indisciplina cai na compreensão de que é a falta de valores da época atual, mas o autor questiona ainda: “falta de quais valores?” (LA TAILLE, 1996, p. 9). De outra forma, o autor menciona a visão reducionista que compreende o fenômeno estudado, desconsiderando o contexto em que ele está situado. E o terceiro motivo diz respeito à complexidade do tema que requer o entendimento sobre o conceito de disciplina.

O que é disciplina? O que é sua negação, indisciplina? (...) Se entendermos por disciplina comportamentos regidos por um conjunto de normas, a indisciplina poderá se traduzir de duas formas: 1) a revolta contra essas normas; 2) o desconhecimento delas. No primeiro caso, a indisciplina traduz-se por uma forma de desobediência insolente; no segundo, pelo caos dos comportamentos, pela desorganização das relações (LA TAILLE, 1996, p. 9).

La Taille (1996) comenta que a escola que, antes tinha alunos que estavam dispostos a acatar aquilo que o professor ensinava e/ou discordar e até fazer novas proposições, hoje, apresenta, em muitos casos, auditórios de alunos “surdos”, ou seja, o silenciamento dos mesmos revela-se a não interação e assim um descompromisso total em alguns casos. As considerações feitas pelo autor há quase vinte anos atrás retratam indicativos que se agravaram nestes últimos anos.

Numa entrevista feita à Revista Veja, Vasconcelos (1996) – professor da Universidade de São Paulo – USP, relatava algumas queixas dos profissionais de ensino escolar da época, entre elas estavam: falta de interesse dos alunos; a dispersão dos mesmos; falta de respeito ao professor; o professor que já não conseguia ter domínio; a família que não colaborava; às vezes em que o professor

era ignorado na sala de aula e outras situações similares, incluindo ainda a falta de impunidade na sociedade, como o fato de que pessoas faziam coisas reprováveis e nada acontecia a elas.

Em entrevista feita à Revista Nova Escola, a professora Telma Vinha (2013) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) junto ao professor da Universidade de São Paulo (USP) Yves de La Taille (2013), afirmou que cada vez mais são encontrados nas escolas episódios como *Bullying* (palavra inglesa que se refere aos abusos psicológicos, sociais ou físicos), indisciplina e agressividade, gerando o que se chama atualmente de micro violência. Cutucar o outro, andar pela sala, chegar atrasado são algumas das atitudes que causam transtorno no trabalho do professor. Os episódios recorrentes têm causado desânimo no professor, conforme pesquisas realizadas pela professora mencionada acima. Os conflitos entre os alunos são extremamente negativos, levando os professores a se sentirem inseguros e despreparados para lidar com eles.

O despreparo, conforme relata Vinha (2013), leva o professor da sala de aula assumir três tipos de estratégias: evitar, ignorar ou conter. No seu entendimento a estratégia de evitar a indisciplina está voltada para ações como: exigir do aluno não trazer material estranho à aula, demarcar lugares para os alunos sentarem, passar textos no quadro para a simples cópia com a ameaça de que vai cair na prova. Além disso, a professora comenta também sobre o uso de filmadora para vigiar os comportamentos dos alunos.

A respeito da contenção, Vinha (2013), explica que esse tipo de estratégia é unilateral, traduzida em atitudes como: exigir dos alunos um pedido de desculpas; terceirizar o conflito enviando para outro profissional resolver - Equipe Pedagógica, por exemplo - ou até mesmo para a família.

A terceira estratégia observada pela autora é quando se ignoram os conflitos que é quando eles acontecem entre alunos. Nesta situação, costumeiramente diz-se que é coisa de menino, brincadeira própria da idade, mas entre adultos, ao contrário, é visto como desrespeito.

A escola parece não ter poder de modificar as causas que dão origem aos problemas oriundos de atos de indisciplina, mas de outro modo, pode e deve apresentar sugestões de superação de forma planejada, alicerçada na ampliação do diálogo com seus pares. Importa observar, neste caso, a necessidade de se

desenvolver um trabalho educativo com enfoque nos fundamentos da democracia sobre os interesses e vivências presentes no convívio do cotidiano escolar.

Neste sentido, de acordo com TIBA (1996, p.165) “o aluno que não respeita os outros precisa ser educado ou ser tratado” o que leva a pensar que os problemas de convivência irão aparecer sempre, no entanto, o mais importante não é apenas evitá-los, mas manejá-los de maneira educativa. No caso de um espaço escolarizado, o cunho dessa mediação deve ser pedagógica e intencionalmente planejada.

O tema disciplina pode levar para mais longe, ou seja, promove “discutir a própria natureza humana”, conforme descreve La Taylle (1996, p. 10). Que cita o filósofo Kant quando traz que a “disciplina é condição necessária para arrancar o homem de sua condição natural selvagem”, trata-se de “educar o homem para ser homem” (KANT, apud LA TAYLLE, 1996, p. 10).

O Projeto Político Pedagógico da escola, onde se realizou a pesquisa, expressa entre os diversos conceitos, o homem e a sociedade para a qual ele deve estar preparado para viver como cidadão com vistas ao total desenvolvimento de sua autonomia. Mas é importante frisar que o homem não é um ser acabado, ao contrário disso, como afirma Paulo Freire (1996, p. 50), o homem é um ser inacabado, o que leva à compreensão de que a sua formação se dá através de um processo educativo, em todas as instâncias sociais das quais faz parte, incluindo a instituição educativa - escola.

Na perspectiva da abrangência em que se processa a educação do indivíduo, a escola não pode ignorar, portanto, o contexto social dos alunos, seus anseios, seus desejos, suas formas de interpretar e compreender o mundo onde vivem.

Saviani (1983, p. 72-73) atribui à escola a função de promover o homem e, nessa perspectiva, propõe melhorias profundas na formação docente e no ensino discente. A escola necessita reformular sua proposta de trabalho, refletindo sobre os impasses do currículo, das metodologias adotadas, da fundamentação teórica em que se baseia o ensino que oferta, entre outras coisas. Observa-se, no entanto, que nas escolas em geral há um desânimo por parte dos educadores, como se não acreditassem mais na possibilidade dessa promoção humana da qual se referia o autor e realizam um trabalho educativo, muitas vezes, com intenções e objetivos que

não apresentam clareza de onde é que pretendem chegar e isso dificulta, sobremaneira, a sequência pedagógica na efetivação do planejamento.

Ao perceber a fragilidade dos professores, no que diz respeito à sua dinâmica em trabalhar com o conhecimento, os alunos revelam diminuição de interesse para assumirem as suas responsabilidades frente à sua tarefa produtiva. Essa relação tanto do professor quanto dos educandos, com o conhecimento, vai se tornando por vezes caótica, e em muitos casos, quase sem controle, fazendo emergir cansaço mental e físico, o chamado stress.

No entanto a relação de alunos e professores com o conhecimento deveriaser contrário a essa lógica do desinteresse, pois, conforme afirma Snyders (1995, p.33) “a escola deveria ser um local de alegria para os alunos e também para os professores”.

Observa-se uma dificuldade generalizada, da parte dos docentes, em lidar com a indisciplina, muitas vezes porque estão cansados ou desesperançosos diante da função que desenvolvem e acabam elegendo, por vezes, alguns alunos para perseguir, ou seja, deixam a responsabilidade e os problemas que, normalmente, ocorrem durante as aulas recaírem apenas e tão somente nesses alunos, estigmatizando-os como o grupo que lidera a indisciplina, que desrespeita professores e colegas de classe.

Os professores deveriam buscar desenvolver um ensino que, conscientemente ou não, objetivasse o desenvolvimento humano/social do indivíduo com vistas à plenitude da cidadania, e “lutar pela alegria na escola” (SNYDERS, 1995, p. 10), como forma de colaborarem pela transformação humana e pelas mudanças no mundo.

Ao se tratar de processos de formação humana, não se pode desanimar, sendo necessário cultivar a alegria, o que é destacado por Aquino (1996) aliado a prática do princípio da alteridade.

Claro está que não há possibilidade de escolarização sem esta condição apriorística: a disponibilidade do sujeito para com seu semelhante, e, em última instância, para com a cultura da qual o professor seria um porta-voz privilegiado, um elemento de conexão desta com aquele. Também é óbvio que não há possibilidade de a escola assumir a tarefa de estrutura psíquica prévia ao trabalho pedagógico; ela é de responsabilidade do âmbito familiar, primordialmente (AQUINO, 1996, p. 46).

Os professores, enquanto profissionais de ensino, costumam afirmar que os alunos precisam querer aprender e que a maioria deles se apresenta apático, desanimado frente às propostas de ensino e aprendizagem. Por outro lado os pesquisadores que estudam a motivação afirmam que os alunos só irão aprender se forem motivados, ou seja, as suas necessidades devem ser correspondidas, num sistema ascendente. “Motivação é tudo aquilo que impulsiona a pessoa a agir de determinada forma (...), podendo este impulso à ação ser provocado por um estímulo externo ou também nos processos mentais do indivíduo” (CHIAVENATO, 1979. p. 124).

A importância da motivação do aluno para ocorrer a aprendizagem, é fundamental. Nesse sentido, quando o assunto apresentado está imbuído de significado dentro do seu mundo real, observa-se na escola alunos mais interessados em participar das aulas.

Os interesses dos alunos estão estritamente ligados não somente ao campo das abstrações dos conhecimentos em confronto com o real, mas também com as referências da cultura familiar em que vivem e tudo o que dela demanda. Isto remete a pensar que “a educação, no sentido lato não é de responsabilidade integral da escola. Esta é tão somente um dos eixos que compõem o processo como um todo” (AQUINO, 1996, p. 46). A escola é também, juntamente com a família, promotora da formação do indivíduo, não sendo sua tarefa exclusiva, visto que a educação é um processo que se estende por toda a vida e se realiza em todas as instâncias que dela demanda.

2.2. Mudança de olhar para a relação pedagógica

Desde o início do século XX, a indisciplina é um dos fatores que mais dificulta o desenvolvimento das atividades no âmbito escolar. As causas são diversas e, neste sentido, a família e a escola estão em constante embate atribuindo uma à outra a responsabilidade pela transgressão de regras. Estas, que na maioria dos casos, chegam até as crianças na forma de imposição, sem mesmo terem a participação para a elaboração delas.

Conforme Vasconcellos (1997), frente aos projetos já desenvolvidos nas escolas, indisciplina é um fator preocupante, mas não é só uma realidade; é sim um problema geral que requer enfrentamento dentro da escola.

Algumas das principais causas para a indisciplina, apontadas pelos professores e gestores, são a ausência de regras e limites dos alunos no presente momento, porém há fatores a serem considerados, dentre eles a ineficiência do professor no planejamento de suas aulas. Observa-se que diante dessa situação, é preciso lançar mão de instrumentos investigativos para melhorar a compreensão do quadro indisciplinar dentro da escola. Outro fator é a ausência da família em cumprir a função educadora, uma vez que cada dia mais os pais se ausentam e tomam espaço no mercado de trabalho, delegando à escola e aos professores a responsabilidade pela educação integral dos filhos.

Para La Taille (1994),

[...] crianças precisam sim aderir a regras e estas somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os 'limites' implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não poderia ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social – a família, a escola, e a sociedade como um todo. (LA TAILLE, 1994, p.9).

Partindo deste ponto de vista, é preciso que a escola e a família trabalhem juntas para que os alunos possam compreender as regras, não como instrumentos de castigos, mas como condição necessária para uma formação humana voltada a convivência social.

Outro fator apontado por (LA TAILLE, 1996; AQUINO, 1996; REGO, 1996) como “causador de indisciplina é a perda de autoridade do professor tanto no que se refere ao conhecimento, quanto à postura em sala de aula.” Nessa direção, a indisciplina é decorrente da falta de motivação do professor que utiliza uma metodologia que por vezes desafia e não estimula, o educando, para a produção do seu próprio conhecimento.

Para Rego (1996, p. 100), “o comportamento indisciplinado está diretamente relacionada à ineficiência da prática pedagógica desenvolvida: metodologias que subestimam a capacidade dos alunos, constantes ameaças visando o silêncio da turma.” No entanto, considera-se que não se pode apontar apenas este fator como causador da indisciplina, pois, é sabido que o meio social em que a criança vive também contribui no surgimento desse comportamento de indisciplina.

A família, se negligente, pode contribuir como causa para a indisciplina, uma vez que, esta criança chega sem limites e é preciso que o professor e equipe

pedagógica promovam mediações que levem à criança o acesso a princípios de convivência social, que deveriam ser ensinados em casa pela família.

A família, entendida como o primeiro contexto de socialização, exerce indubitavelmente, grande influência sobre a criança e o adolescente. A atitude dos pais e suas práticas de criação e de educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual (AQUINO, 1996, p.97).

A família exerce papel decisivo na formação da criança no desenvolvimento dos valores, das crenças, dos modos de comportamento, incluindo, a forma de pensar. Isso não significa dizer que todo homem é cópia fiel dos pais ou de outros membros de sua família, mas que este grupo considerado primário pelos sociólogos, dada à estreiteza das relações de seus membros, é mais do que necessária para apoiar o indivíduo, servindo como referência na sua trajetória humana.

Considera-se, que o apoio familiar contribui significativamente para o desenvolvimento físico, intelectual e moral da criança. Contribui também no que tange às questões ligadas ao comportamento compatível com aquele esperado pela escola.

Se visto sob um novo olhar, a indisciplina em si não é necessariamente um mal, mas uma nova forma estruturante da vida do sujeito. Do mesmo modo que o ser humano necessita da afetividade para acolher o que lhe faz bem, precisa também da agressividade para rejeitar aquilo que lhe faz mal e, assim, evitar o domínio de outrem sobre ele. La Taille (1996, p.10) acrescenta que, “a indisciplina em sala de aula não se deve essencialmente às falhas da pedagogia, pois está em jogo o lugar que a escola ocupa hoje na sociedade, o lugar que a criança e o jovem ocupam e o lugar que a moral ocupa”.

Para o autor, neste processo faz-se necessário trabalhar a relação professor-aluno estreitando laços de afetividade. Para isso faz-se necessário, criar junto com os educandos regras de convivências escolares para que se sintam parte integrante dessa organização. É preciso que o professor empregue metodologias adequadas e oriente práticas pedagógicas que contribuam para a manutenção de um ambiente escolar disciplinado sem ferir a autonomia do aluno, mas oportunizando sua formação crítica dentro de um espaço escolar que possibilite seu desenvolvimento e aprendizagem.

2.3. A indisciplina na perspectiva do controle pedagógico: algumas reflexões presentes no exercício de coordenadora pedagógicas

A respeito das conotações que os professores fazem sobre a indisciplina na sala de aula, Rego (1996) menciona que “no cotidiano escolar, os educadores, aturcidos e perplexos com o fenômeno da indisciplina, tentam buscar, ainda que de modo impreciso e pouco aprofundado, explicações para a existência de tal manifestação” (REGO, 1996, p.87-88).

A maior parte dos professores culpabiliza a família por não impor limites aos seus filhos. Dizem também que o aluno deve vir preparado de casa para assumir sua função no grupo escolar, visto que a escola tem a função específica de repassar os conhecimentos aos alunos, segundo o planejamento curricular a ser seguido.

O exercício das funções de coordenação pedagógica permite observar que as reclamações a respeito da indisciplina dos alunos feita, por parte dos professores, estão se tornando cada dia mais gritantes, em especial na sala dos professores, seja na hora-atividade, seja na hora intervalo das aulas e também nas reuniões pedagógicas. Os conselhos de classe que deveriam buscar a discussão sobre os avanços pedagógicos e suas fragilidades na relação ensino-aprendizagem tem se tornado, nas últimas décadas o “chamado muro das lamentações” sobre determinados alunos. O professores também reclamam, com afirmativas, de que os pais não estabelecem limites, não educam seus filhos com princípios básicos, não acompanham o desenvolvimento do aluno na escola, entre outras situações. Certos que estão com a razão, acusam as famílias do não estão cumprimento às suas obrigações básicas referentes ao preparo do aluno para viver em sociedade.

Entende-se, enquanto coordenação pedagógica, que a discussão do problema da indisciplina é tarefa de todos: família e escola (professores e alunos, coordenadores pedagógicos, direção, agentes educadores) e demais instâncias de formação na sociedade, como por exemplo, espaços de catequese, grupo de escoteiros, entre outros, considerados coparticipantes na formação humana dos educandos.

Observa-se que, no ambiente escolar, existe uma predisposição em culpar os alunos e suas famílias, do que buscar alternativas para solucionar, ou ao menos, amenizar o problema instalado na escola. O mais importante, neste momento, não seria pensar de quem é a culpa, mas sim assumir com a família, a

responsabilidade do compromisso com a educação de qualidade, que exige superar o obstáculo pedagógico da indisciplina.

A sala de aula e a escola, não estão desvinculadas da problemática do resto da comunidade e da sociedade, porém têm sua autonomia relativa. De imediato, eu não tenho condições de mudar as pessoas e/ou o mundo; entretanto, de imediato, eu posso mudar a maneira de me relacionar com as pessoas e com o mundo! Isto não é tudo, mas é um passo importante e de minha responsabilidade! (VASCONCELLOS, 2000, p.227)

No caso dos educadores, Nunes (2011), propõe que ele seja qualificado para desenvolver da melhor maneira o poder de comunicação, interagindo de modo assertivo em sala de aula. Nesse sentido, seguem algumas sugestões propostas pelo autor:

- Expressar-se vagarosamente e de forma clara – o som e o tom de voz assumem muita importância numa comunicação;
- Chamar os alunos pelo nome – ao lembrar-se do nome de seus alunos, você fará com que eles se sintam importantes e especiais;
- Dominar as suas emoções – mantenha a calma, respire fundo e se controle;
- Evitar expressões de desinteresse, hostilidade ou negativismo - com isso, você ensina aos alunos que todos nós devemos nos concentrar na parte boa da vida e sermos agradecidos por ela;
- Ter sempre uma atitude dialogal – dialogar sempre, mesmo em situações mais tensas e difíceis;
- Tomar cuidado com as críticas – nunca deve se alongar muito nas críticas nos comentários sobre as falhas que os alunos cometeram;
- Usar a força do elogio – elogie os esforços e as conquistas dos alunos;
- Usar a linguagem empática – evitar julgamentos de valor que possam afetar a autoestima do aluno;
- Escutar os alunos com toda atenção – é importante que o educador aprenda a ser um bom ouvinte nos momentos em que o aluno vai falar. (NUNES. 2011. págs. 66-68)

É comum observar que a tendência dos alunos é a de ouvir melhor o professor que conversa com mais delicadeza, no som e no tom de voz, ao contrário do professor que vive gritando na sala de aula. Assim, os alunos se sentem no direito de fazer a mesma coisa, posto que esta seria uma sinalização da qualidade do relacionamento de ambos. Além dessa questão, pode-se dizer que quando o professor chama o aluno pelo nome e não apenas pelo número da chama, é bastante natural que os alunos se sintam valorizados. A respeito disso, há professores que passam quase o ano todo sem saber ao certo os nomes de seus

alunos, criando, deste modo um distanciamento humano, que é percebido por parte dos educandos, de forma negativa.

Em determinadas situações, manter a calma é muito difícil para o professor que, muitas vezes, se vê acuado por seus alunos, por conta do assédio moral que sofre cotidianamente na escola. Frente a este problema o professor precisa refletir a respeito de sua conduta, uma vez que a sua formação “certamente” o qualificou para atuar no ensino de alunos que ainda estão passando pelo processo de formação e que veem nele um referencial de profissional. Nesta perspectiva, o diálogo aberto é sempre o melhor caminho, segundo Nunes (2011), evitando alongar-se em críticas, que ao invés de auxiliar o aluno a repensar suas práticas, poderá intimidá-lo.

Há casos de alunos que se evadiram da escola por motivos de assédio moral de professores, em meio aos demais alunos. E a palavra, uma vez, proferida pode causar um grande estrago na vida de qualquer indivíduo. Os elogios, os reforços positivos, a linguagem empática a predisposição em escutar sempre aquilo que os alunos tem a dizer parece ser, segundo Nunes (2011) alternativas que melhoram a autoestima dos mesmos e, conseqüentemente, a relação pedagógica entre alunos e professores.

É senso comum entre os professores mais antigos realizar comparações entre o comportamento dos alunos do seu tempo. Tempo em que estes, sentavam nos bancos escolares, como os seus alunos dos dias atuais. Nestas comparações, pode-se perceber uma boa dose de saudosismo e crítica severa ao presente. A escola do passado ainda é almejada por muitos, pois os alunos eram muito mais dóceis, ou seja, obedeciam com mais facilidade às ordens do professor, no método tradicionalista, por exemplo. O ensino era centrado no professor e o aluno visto como um depósito de informações, desvinculada das necessárias conexões em que o aluno pode apreender e abstrair o conhecimento como parte de um todo mais complexo e amplo.

Aquino (1996), afirma que a os parâmetros que regem a escolarização ainda são regidos por um sujeito abstrato, idealizado e desenraizados dos condicionantes sócio históricos. A indisciplina, por sua vez, pode ser indicação do impacto do ingresso de um novo sujeito histórico, com outras demandas e valores, numa ordem arcaica e despreparada para absorvê-la plenamente.

A respeito disso, Paro (2002) comenta que os professores, por conta de, “sua baixa consciência política não lhe permite perceber as condições de que é

refém, prefere em defesa de sua autoestima, pôr a culpa no aluno, acusando-o de não querer aprender” (PARO, 2002).

Sobre a relação professor-aluno, AQUINO (1996) orienta que a mesma deve ser regulada por uma proposta de trabalho que seja fundamentada intrinsecamente no conhecimento, regatando-se a moralidade discente, à medida que, o trabalho do conhecimento pressupõe a observância de regras, de semelhanças e diferenças, de regularidade e exceções.

Essas afirmações não podem ser confundidas com a ideia de exigir do aluno que ele fique estático, calado, obediente. O trabalho com o conhecimento implica inquietação, o desconcerto, e muitas das vezes, a desobediência, por conta das suas indagações. O professor desempenha, assim, o papel de mediador entre o aluno e o conhecimento e deve desenvolver um trabalho dinâmico na perspectiva da transformação desta turbulência em ciência. Quanto mais engajado o aluno estiver na descoberta e construção do conhecimento, mais comprometido estará com os processos da sua formação, individual e coletivamente.

No tocante aos encaminhamentos que a escola poderá desenvolver frente à indisciplina, Rego (1996) afirma que o disciplinador é aquele que educa, oferece parâmetros e estabelece limites. Dentro da escola este papel de disciplinador cabe não apenas ao professor, mas, também à Equipe Pedagógica, aos pais e funcionários, visto que todos esses sujeitos da escola são participantes da elaboração do Projeto Político Pedagógico onde se prevê a compreensão da função da escola, a organização político-pedagógica, bem como a administração de seus processos com vistas à formação humano-social dos educandos.

No entanto, ao buscar superar o problema da indisciplina, muitas vezes as alternativas encontradas, no ambiente escolar, apresentam uma forte carga idealista que não leva em conta um conjunto de determinantes da realidade concreta da escola e de seus sujeitos e em especial dos alunos.

Vasconcellos (2000), afirma que:

(...) a questão do respeito, está, muitas vezes, relacionado a problemas de indisciplina que tem origem na questão do desrespeito. Com frequência, a indisciplina é uma manifestação de coeficientes de poder não adequadamente equacionados; só que nossos alunos não vão, evidentemente, levantar a mão e argumentar: “Professor, gostaria de por em questão nossa relação, tendo em vista a percepção de que entramos

num processo de retificação, onde minhas potencialidades ontológicas e epistemológicas estão sendo subestimadas(VASCONCELLOS, 2000. p. 245),

Quando os alunos não conseguem verbalizar seus sentimentos de maneira clara e objetiva, por inúmeras razões, sendo uma delas o medo da represália, acabam por manifestar a situação de desconforto, de alguma forma, como por exemplo: sair a todo o momento da sala de aula, conversar paralelamente com os colegas enquanto o professor está explicando o conteúdo, deixar de realizar suas tarefas e atividades pertinentes às proposições do professor, agredir os colegas ou até mesmo o professor com palavras impróprias ou até com atitudes grosseiras.

Segundo Nunes (2011),

...para trabalhar com os alunos a questão do respeito pelas diferenças e a necessidade de inclusão de todos num convívio harmônico”, o educador deve refletir junto com os alunos as raízes da incompreensão para, conseqüentemente, compreenderem também o que leva à compaixão (que significa sofrer junto), permitindo a verdadeira comunicação humana. (NUNES, 2011, p.41),

2.4 O Coordenador Pedagógico e sua Intervenção pedagógica na busca de solução para a indisciplina

O trabalho a ser desenvolvido pela coordenação pedagógica da escola é de grande importância para superar a indisciplina. A primeira delas seria articular formas de ampliar a discussão sobre a problemática, incluindo os alunos, pais, professores, equipes diretiva e pedagógica e conselho escolar, no sentido de sensibilizar a todos para a importância de se buscar solução, em pequenos e grandes grupos.

A sensibilização dos pares promove a compreensão da gravidade do problema, observando que o aluno deve trabalhar para conquistar os seus objetivos e não dificultar o próprio processo educativo do qual faz parte. De outro modo, o professor precisa compreender também que muitos alunos apresentam críticas às suas metodologias de ensino e avaliação e que estas devem ser revistas, uma vez que não tem avançado, fragilizando a relação pedagógica de ambos.

O diálogo com alunos e professores, deve ser planejado de modo a obter de ambos a contribuição para experiência que valorize a harmonia do grupo e a aceitação do multiculturalismo presente na sala de aula, e na escola, em geral. VASCONCELLOS (2004) corrobora com esse pensamento ao afirmar que

Ter respeito para com os alunos é uma das necessidades da postura de um educador consciente. Deve também exigir respeito dos alunos para com os colegas e para consigo. O professor não pode exigir que o aluno goste dele ou dos colegas, mas o respeito ele pode exigir. No caso de ser desrespeitado, restabelecer os limites (não entrar no círculo vicioso do desrespeito" (VASCONCELLOS, 2004, p. 93).

É preciso democratizar o espaço escolar, com vistas a superar os conflitos nos diversos ambientes da escola, propiciando a participação ativa de todos os membros, especialmente a dos alunos, de forma amorosa e respeitosa.

Resolver os conflitos é de interesse da escola, e deve ser do interesse dos educandos. Uma vez que os problemas de qualquer ordem demandam uma oportunidade de refletir, discutir e trocar ideias. Oportuniza defender e argumentar sobre pontos de vista e opiniões, propor soluções, questionar, fazer a crítica e elencar novas alternativas para solução de problemas que interferem nos processos educativos da instituição. Considera-se que, "se o professor resolve o conflito em vez de deixar que as crianças o resolvam, está impedindo que elas se construam como pessoas e aprendam". (PARRAY-DAYAN, 2008, p.93).

A Equipe de Coordenação Pedagógica da escola, nesse sentido, precisa desenvolver e oportunizar ações que levem a comunidade escolar a reconhecer as diferenças e o respeito que cabe integrante mutuamente. Como seres humanos diferentes e com atitudes diferentes, requer que sejam pensadas dinâmicas diferentes para cada turma, considerando-se suas necessidades específicas e seus ritmos de aprendizagem e avanço. O que cabe também a encaminhamentos sobre o problema da indisciplina na escola e/ou na sala de aula.

Nesse sentido, Vasconcellos(2004) orienta que:

Os alunos que apresentam problemas de disciplina precisam de uma ação educativa apropriada: aproximação, diálogo, investigação das causas, estabelecimento das causas, estabelecimento de contratos, abertura de possibilidades de integração no grupo, etc. e no limite, se for preciso, a sanção por reciprocidade, qual seja uma sanção que tenha a ver com o comportamento que está tendo (VASCONCELOS, 2004, p.116).

Além da intervenção pedagógica junto aos professores e alunos, faz-se necessário estabelecer importante diálogo em parceria com as famílias, através de dinâmicas em que estas duas instituições possam se aliar na promoção do aluno-sujeito, num processo que busque equacionar as divergências e somar as ações positivas. “A escola precisa intervir no trabalho de formação e conscientização dos pais. Deve-se esclarecer aos pais a concepção de disciplina da escola, de forma a minimizar a distância entre a disciplina domiciliar e escolar” (VASCONCELLOS, 2004, p.79)

Um trabalho de parceria entre a escola, a família e outros segmentos da sociedade que possuem condições para auxiliar no trabalho educativo das crianças e adolescentes, será fundamental na busca de respostas para o problema da indisciplina. Caso contrário, será muito mais difícil e complicado obter avanços no que diz respeito à formação humana cidadã dos estudantes.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que a presença da indisciplina escolar tem sido um fator de grande preocupação entre os trabalhadores da escola, especialmente do professor e o Coordenador Pedagógico. A indisciplina tem desencadeado uma série de situações, que por vezes chegam a ser consideradas até drásticas, promovendo um desgaste físico e emocional, gerador do *stress* do professor, passando pela deficiência ou debilidade da produção pedagógica no referente ao ensino-aprendizagem. Sendo assim, o pior de todos os problemas, o não aprendizado e não avanço dos estudantes no processo de escolarização e mais do que isso, dificultando o desenvolvimento humano-social dos mesmos. Os educandos apresentam comportamentos que fogem às regras da convivência na escola agindo com falta de respeito, falta de limites, uso de palavrões, *bullying* contra colegas e professores, entre outras coisas.

A revisão bibliográfica sobre o tema da indisciplina mostrou que, este problema está presente não somente na escola pública, mas também na rede particular, suscitando muitos debates entre educadores, professores e estudiosos do assunto que levam a compreender um necessário e urgente plano de enfrentamento do problema.

Estudiosos no assunto sugerem a busca de respostas e entende-se aqui que, alguns fatores devem ser considerados na busca da compreensão das causas que levam à indisciplina, sendo um deles a ineficiência dos professores quanto ao planejamento e despreparo para lidar com este obstáculo frente ao processo pedagógico.

Os professores, por sua vez apontam a família como responsável pela falta de limites e não educação de seus filhos. Compreende-se, no entanto, que não se trata de apontar o dedo para o culpado, mas de buscar soluções conjuntas, observando que a cada uma das agências (escola, família e sociedade, em geral) cabe uma parcela de responsabilidade sobre a formação dos indivíduos e que estes precisam aderir regras e normas – limites – necessários para a convivência harmoniosa nos grupos aos quais pertencem.

Portanto, parece ser importante desencadear uma política pedagógica da escola a sua integração com a família e comunidade a fim de ampliar a discussão do problema, buscar compreender suas raízes e, conseqüentemente as possíveis soluções, de forma conjunta.

O Coordenador Pedagógico é parte importante neste processo de reorganização pedagógica uma vez que faz parte da sua função mediar e promover intervenções pedagógicas superando os conflitos, não para retirá-los do convívio, mas para compreendê-los como mais um elemento que deve, ao invés de atrapalhar, deixar vir à tona os sentimentos, as revoltas, as incompreensões e as necessidades dos educandos, às quais, a escola tem obrigatoriamente que entender e responder positivamente, se quiser formar cidadãos capacitados para intervir nos processos político-sociais do seu tempo.

É preciso também mobilizar os conselhos escolares e buscar respostas junto as mantenedoras e combater a lógica de que hoje a escola pública está beirando a barbárie. É preciso que o colegiado busque intervenções de políticas públicas, uma vez que é do interesse dos governantes que a classe dos trabalhadores da escola pública oferte uma educação de qualidade.

Objetivando buscar subsídios para a demonstração do problema e o apontamento das possíveis causas da indisciplina, o Departamento de Coordenação Pedagógica em que desenvolve-se trabalho, compreendeu que a indisciplina apresentada por parte dos alunos, seja na escola, seja na sala de aula é uma

situação que depende dos profissionais capacitados para lidar com eles, de forma planejada e não de forma intuitiva, ou improvisadamente.

A indisciplina tenderá a diminuir quando os alunos começarem a ver significado nos conhecimentos socializados pelos professores, onde eles, enquanto sujeitos, forem coparticipantes da construção de tais conhecimentos. Os alunos não precisam de sanção, mas de educação, numa perspectiva processual e crescente. Compreende-se, diante os fundamentos desta pesquisa que, com efetiva mediação e diálogo, os alunos poderão amadurecer humana e socialmente e estar preparados para assumir uma postura crítica diante das dificuldades impostas pela indisciplina frente ao processo pedagógico que a escola realizada e por que não dizer, frente a si mesmos e à sociedade em que vivem.

4. REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. Artigo: A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento. *Indisciplina na Escola – Alternativas Teóricas e Práticas*. São Paulo: Summus, 1996

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Apresentação do Tema Transversal – Ética**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, MEC/vol. 8, 1997

CHIAVENATO, I. **Teoria Geral da Administração**, Editora Mc Graw-Hill do Brasil, São Paulo, 1979. 2º edição.

ESTRELA. M. T. *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Sala de Aula*. Portugal, Porto Editora, 1992.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 4ª Edição, Rio do Janeiro, Editora Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LA TAILLE, Y, de L. **A indisciplina e o sentimento de vergonha**. In: Aquino, J.G. (org). **Indisciplina na Escola**. Ed. 11. São Paulo: Summus, 1996.

MARINHO, Elaine de Araújo Resende. **Uma reflexão sobre a Indisciplina no ambiente escolar**, 2009.

MONTEIRO, Milenna. **Indisciplina e Agressividade: Prevenção e intervenção no contexto escolar**, 2010.

NUNES, Antonio Ozório, **Como restaurar a paz nas escolas: um guia para educadores**. São Paulo: Contexto, 2011.

PARO V. H. in: BASTOS. J. B. (org.) **Gestão Democrática**, 3ª Ed. Rio de Janeiro:DP&A: SEPE, 2002. Administração escolar e qualidade do ensino: o que os pais ou responsáveis têm a ver com isso.

PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2008.

REGO, T.C.R.; **A indisciplina do ponto de vista dos professores e dos alunos**. In: Aquino, , J.G. (org). **Indisciplina na Escola**. Ed. 11 São Paulo: Summus, 1996.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1983.

SNYDERS, Georges. **Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários**. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1995.

TIBA, Içami. **Disciplina, limite na medida certa**. São Paulo, Editora Gente, 1996.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Os Desafios da Indisciplina em Sala de aula**. São Paulo: FDE, 1997.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Disciplina: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo, Editora Liberdade, 2000.

VASCONCELLOS, Maria Lúcia M. Carvalho (Org.). (In) **Disciplina, Escola e Contemporaneidade**. São Paulo, Editora Mackenzie, 2001.

VINHA Telma. **Como a escola pode prevenir conflitos**. Entrevista concedida à Nova Escola. Publicação em 30/10/2013

Site: http://www.youtube.com/watch?v=_dmFKoV5x6k – Acesso em 17/06/2014